



## ENTREVISTA



# Empoderamento e tecno-eco-feminismo na arte

Izabela Schlindwein, *Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS) / Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)*

Resumo: Re\_selfing ou “reinvenção de si” é uma instalação que tece relações entre o processo de gestar e as matérias elementares das mídias audiovisuais: som e luz. A imagem que ilustra a capa desta edição - ao contrário do que se possa pensar - não é só um trabalho “sobre si”, no caso sobre Grazielle Lautenschlaeger, como também um trabalho “sobre todas”. Como ela mesma revela nesta entrevista para a Cadernos Gênero e Diversidade. A mensagem é remetida tanto para um empoderamento da própria artista (ou outras artistas) quanto também da espectadora. Esta experiência artística busca unir aspectos biológicos e tecnológicos - aqui tecnologia entendida como “técnica” - com efeitos sociais. Ressignificando arquétipos da maternidade que todas guardamos nas mais diferentes sociedades e reproduzimos de forma inconsciente de geração em geração. A obra nos convida a repensar de forma corajosa: qual é o inconsciente coletivo que nos cerca ou aprisiona? Modelos universais e primitivos do Anima que nos visitam nas diferentes fases do “ser mulher”? O trabalho ainda inspira uma séria reflexão sobre a invisibilidade da maternidade na Arte e na Ciência, derivada também da separação entre público e privado. E é a partir desta integralidade que criadora e criatura se unem em um novo movimento pela arte - vista aqui de forma íntima / psíquica e também pública / global. Para a Sociologia, muito a ver com o não-humano de Bruno Latour. Para os Estudos Feministas, muito a ver com a tecnociência de Donna Haraway. Após o momento de fruição da obra, convidamos a todas para ler a entrevista sobre os processos de criação, refletindo sobre as abordagens pós-humanas e para os novos conceitos de família. Esta rede (“neural”, por assim dizer) está aberta a novos impulsos. Acesse: [graziellelautenschlaeger.com](http://graziellelautenschlaeger.com)



**Izabela Schlindwein - Você costuma abordar suas subjetividades e engajamentos em suas obras desde a fase do doutoramento em Berlim na Humboldt Universität há cerca de dez anos. Até que ponto é possível utilizar a arte como ferramenta de auto-empoderamento ou empoderamento desta outra?**

**Graziele Lautenschlaeger** - Entendo que não há a possibilidade de produção artística sem o atravessamento das subjetividades de quem produz. O que observamos é que alguns artistas exploram/se valem mais ou menos deste aspecto em suas obras. No caso da minha produção, os trabalhos nascem mesmo de um certo lugar de urgência de pôr pra fora e dar forma a questões que nem sempre as palavras dariam conta de fazer. Não se trata de sentimentalismo, e sim de uma estratégia de, ao propor formas e dinâmicas que partem de um ponto de vista bastante íntimo, almejando mirando/criando o vetor para um diálogo com um universal imaginado/modelado, que pode ser tanto um grupo que compartilha lugar de fala semelhante, quanto aqueles que estão abertos a se sensibilizar sobre as questões material e simbolicamente articuladas. Isso remonta diretamente à função da produção artística enquanto comunicação entre sistemas psíquicos (sujeitos) e sociais (grupos/comunidades). Neste sentido, o empoderamento, se eu entendi a que sua pergunta se refere, pode ocorrer nas três instâncias: para o artista, para o público e para o próprio sistema da arte, que se estrutura dessa mútua influência entre individualidade e coletividade.

**Izabela Schlindwein - Em suas obras mais recentes, você adentra o campo do tecnofeminismo na arte. Quais foram os *insights* que sua pesquisa iniciada no VALIE EXPORT Center/Künstuniversität Linz trouxeram para este campo?**

**Graziele Lautenschlaeger** - Este projeto de pós-doutorado ainda está em andamento e nasceu a partir da observação da raridade de exemplos de trabalhos artísticos usando mídias eletrônicas/digitais para articular simbolicamente os temas tanto sensíveis quanto polêmicos que são



disparados pela experiência da maternidade. Concomitante à produção de uma série de trabalhos artísticos próprios relacionados ao tema, coletei trabalhos de outras(os) artistas e os articulo com um arcabouço teórico específico selecionado conforme o recorte analítico. Trata-se de um método de trabalho bastante influenciado pelas técnicas de Estudos Culturais e pela Cibernética de segunda-ordem, que inclui o papel do observador na observação do sistema. Neste processo, o primeiro insight foi atenção para a maternidade como objeto investigativo constatando que, embora teoricamente prezamos pela dissolução das bordas entre natureza e cultura, nas atividades cotidianas da maternagem é difícil transgredir sistemas culturais tão consolidados que reforçam desigualdades e privilegiam vozes técnicas de domínio do corpo e da reprodução.

Para avançar com a pesquisa considerando as interseccionalidades dos perfis, outro insight diz respeito à estratégia de questionar o próprio termo “mãe”, focando nas operacionalidades que designam o conceito, um objeto de estudo necessariamente relacional. O foco nas operacionalidades que designam “mãe” e relações de maternidade também nos permite a transposição analítica do termo em contextos não-humanos, ou seja, através da observação da apropriação do termo em agências maquínicas e de outros seres vivos. Essa análise se baseia na observação da produção artística contemporânea, com especial foco em trabalhos artísticos com abordagens pós-humanas, tecnocientíficas e ecofeministas. Como exemplos, posso mencionar *Hybrid family* (2016), da artista eslovena Maja Smrekar, e *Motherplant* (2018), por Jenny Pickett e Julien Ottavi.

**Izabela Schlindwein - Como vem acontecendo este movimento da tecno-arte e maternidade no local onde você está inserida atualmente e em outros países de língua alemã? Em que ponto as questões europeias se encontram com as brasileiras?**

**Graziele Lautenschlaeger** - Essa é uma pergunta bem complexa, posso dar minha opinião, mais do que uma observação analítica. O que você chama de tecno-arte vou considerar o que seria o campo da media



art (artemídia no Brasil, termo traduzido pelo Arlindo Machado), mas em essência, toda arte é tecnológica. No campo da artemídia, onde se observa um pensamento midiático (e seus termos derivativos) no conceito e nas estruturas formais da proposta artística, consigo observar a relevância do chão fértil que Europa ainda representa na produção deste “nicho”, pois a prática está consolidada tanto enquanto campo do saber quanto pelos mecanismos de financiamento das artes e cultura digital. Observa-se um considerável maior e constante investimento no setor, refletido em centros e eventos de magnitude global. Isso, porém, não significa que a vida de um artista na Europa é fácil e não conte com situações precárias e não-sustentáveis de trabalho. Neste ponto, as questões brasileiras e europeias se encontram, pois as entranhas do problema é um sistema capitalista que não tem espaço para todos com dignidade. Isso afeta em especial mulheres e mães. Em pleno 2025 ainda se ouve muitas histórias de instituições e de grandes nomes do mercado de arte que polarizam carreira artística e a maternidade. Penso que, embora não lide especificamente com a produção de artemídia, trabalhos como o da curadora e escritora Hettie Judah, quem encabeçou o manifesto How Not To Exclude Artist Parents e publicou outras tão relevantes publicações sobre arte e maternidade são, por exemplo, fundamentais para serem divulgados no sistema da arte como um todo.

**Izabela Schlindwein - Você tem encabeçado um movimento para reunir mães artistas que se identificam com o tema. Esta plataforma continua ativa? Quais pautas são recorrentes a partir desta rede?**

**Grazielle Lautenschlaeger** - Não sei se posso chamar de movimento. Iniciei uma pesquisa online Where are the media artist mothers(and other parents)? para coletar mais referências para a pesquisa, divulgando-a em canais específicos, e ministrei um workshop homônimo em Linz(AT) acerca do tema, que para minha surpresa trouxe até interessadas de Viena para o evento. Atualmente estou trabalhando num projeto para angariar fundos para um passo mais ambicioso da pesquisa,



e espero que no novo contexto institucional em que eu me encontro, consiga consolidar melhor uma plataforma de troca, também mobilizada por minha produção artística. Além disso, vou me contactando com pessoas em conferências e oriundas do meu círculo de amigos artistas para iniciar trocas acerca do tema. Posso dizer que a rede é global, há a interseccionalidade atravessando os perfis e as várias fases da parentalidade estratificam o grande grupo. Entre as pautas recorrentes, para além das articulações simbólicas acerca da maternidade, a serem ora desconstruídas, ora reinventadas, nos deparamos frequentemente em estratégias para as melhorias das condições de trabalho - a citar, por exemplo, residências artísticas que considerem flexibilizações, acomodações para famílias e assistência para cuidados com as crianças, ou mesmo cronogramas de trabalho menos apertados que permitam incluir os cuidados com as crianças. Por último, e não menos importante, é observável a desigualdade de gênero vinculada ao domínio do conhecimento técnico-científico necessário para a produção de obras de artemídia, o que considero como um dos principais fatores para a rara presença dos tema da maternidade/parentalidade neste campo artístico.